

DOCUMENTÁRIO

DESCRIÇÃO DA CAPITANIA DE SÃO JOSÉ DO PIAUI — 1772.

LUIZ R. B. MOTT (*)
da Universidade Estadual de Campinas (SP).

I. — INTRODUÇÃO.

Malgrado a grande importância que desempenhou a Capitania do Piauí na qualidade de fornecedora de gado vacum e de sola para os principais centros de decisão econômica do Brasil-Colônia (1) nos últimos anos, além das diversas pesquisas e publicações de Odilon Nunes (2), pouca coisa tem sido feita de original, no sentido de esclarecer as principais tendências e características da sociedade piauiense nos primeiros séculos de sua história. Dentre os trabalhos de síntese histórica mais significativos de que dispomos, está em primeiro

(*) — O autor, Professor do Departamento de Ciências Sociais da UNICAMP agradece à Fundação Gulbenkian a concessão da Bolsa de Estudos que lhe possibilitou realizar pesquisas em Portugal.

(1). — Boxer (C.), *A Idade de Ouro do Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional. Brasileira, vol. 431, 1969, p. 242-259; Prado Jr. (Caio), *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1957, p. 181-207; Furtado (Celso), *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo, Biblioteca Fundo Universal de Cultura, 1959, p. 70-77; Antonil (A. J.), *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1963, p. 93-100.

(2). — Nunes (Odilon), *Súmula da História do Piauí*. Teresina, Editora Cultura, 1963; *Pesquisas para a História do Piauí*. Teresina, Imprensa Oficial do Estado, 1966, 4 volumes (2a. Edição 1975); "Domingos Jorge Velho e o assentamento de bases econômicas no Piauí" *Estudos Históricos* (Marília), nº 10, 1971, p. 65-115; *Economia e Finanças (Piauí Colonial)* Teresina, Monografias do Piauí, Série Histórica, 1972; *Os Primeiros Currais (Geografia e História do Piauí Seiscentista)* Teresina, Monografias do Piauí, Série Histórica, 1972; *O Devassamento e Conquista do Piauí*. Teresina, Monografias do Piauí, Série Histórica, 1972; *Piauí, seu povoamento e seu desenvolvimento*. Teresina, Monografias do Piauí, Série Histórica, 1973.

lugar a ainda insuperada *Cronologia Histórica do Estado do Piauí, desde os seus primitivos tempos até a Proclamação da República em 1889* de autoria de F. A. Pereira da Costa (3): trata-se de um levantamento de documentos realizado sobretudo no Arquivo Público do Estado do Pará (Capitania à qual pertenceu o Piauí de 1695 até 1758), em que seu autor resume e transcreve os principais documentos e episódios relativos à Capitania e Província do Piauí. Trabalho exaustivo e sério, constitui manancial de valor substantivo para todas as pesquisas que tenham tal região nordestina como tema. Edição rara e de difícil acesso, está a merecer quem retome as fontes manuscritas pesquisadas por Pereira da Costa a fim de realizar uma nova edição crítica e ampliada.

Outro trabalho não menos importante, embora de cunho menos documental, é de autoria de J. M. Ferreira d'Alencastre (4). Nesta obra, seu Autor trata especialmente dos seguintes temas: a cronologia dos principais acontecimentos da história do Piauí, os diferentes momentos de sua ocupação e colonização, as duas figuras de maior destaque nos seus primórdios (Domingos Jorge Velho e Domingos Afonso Sertão), o problema dos grupos indígenas, a questão das fazendas dos Jesuitas, seu sequestro e passagem para a administração pública. Particular atenção é dedicada à descrição da base econômica desta região sertaneja: as dificuldades da agricultura, a importância da pecuária, a organização das fazendas de criatório. Consta ainda tal Memória de uma síntese da evolução demográfica desta área, concluindo com a transcrição de vários documentos referentes à história piauiense, entre os quais há de se destacar o Testamento de Domingos Afonso Sertão (p. 140-150), peça de inestimável valor não apenas para o estudo da estrutura fundiária sertaneja, mas igualmente para a história da Companhia de Jesus no Brasil, posto que aos Jesuitas da Bahia coube zelar, como administradores, pelos enormes latifúndios deixados em 1711 pelo mafrense Domingos Afonso Sertão.

Além destes dois trabalhos básicos, que serviram, aliás, como inspiração e fonte para muitos outros estudos de aspectos particulares da história do Piauí (5), felizmente pode contar o estudioso com outras

(3). — Tipografia do Jornal de Recife, Pernambuco, 1909.

(4). — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo XX. 1º Trimestre, 1857, p. 5-165.

(5). — Eis uma bibliografia resumida de alguns trabalhos que podem servir de subsídios para se estudar a história do Piauí durante a Colônia e Império: Castelo-Branco (M.S.B.L.), *Apontamentos Biográficos de alguns Piauienses Ilustres*. Teresina, Tipografia da Imprensa, 1897; Castelo-Branco (R.), *O Piauí: A Terra, o Homem, o Meio*. São Paulo, Livraria Quatro Artes, Ed., 1970; Chaves (Joaquim), *O Índio no Solo Piauiense*. Teresina, Publica-

fontes, além das manuscritas existentes nos Arquivos, que tratam dos séculos passados desta região. Mal o Piauí acabava de ser descoberto e povoado, já por aí passava um arguto observador, o Padre Miguel de Carvalho: seu relato traz o título, *Descrição do certão do Peauhy Remetida ao Ilm^o e Rm^o Sr. Frei Francisco de Lima Bispo de Pernambuco*, datada de 2 de março de 1697 (6). Trata-se de uma relação dos principais acidentes geográficos desta região, e o registro de 129 fazendas de gado que aí existiam, situadas nos diversos rios, ribeiras, riachos, lagoas e olhos d'água situados neste sertão. Refere-se o citado sacerdote a certos aspectos sócio-econômicos desta nova capitania, dando para cada fazenda o nome de seu responsável, assim como o número de negros, índios e mestiços dos dois sexos existentes em cada propriedade rural, assim como a distância, em léguas, que separava uma fazenda da outra.

Já nos inícios do século XVIII, de passagem pelo Piauí, o ex-Governador do Maranhão, João da Maia da Gama, relata sumariamente alguns aspectos não só do território que percorreu, como também informa a propósito do adiantamento de suas fazendas e povoações (7). Ainda neste século, outro documento merece particular atenção para a história desta zona: é o *Mapa Geográfico da Capitania do Piauí e parte das Adjacentes* (8), de 1761, realizado pelo Engenheiro João Antônio Galúcio, carta em que estão registrados não só os rios, ribeiras, riachos e demais cursos d'águas, como também as fazendas e sítios, vilas e povoados desta Capitania.

ção do Centro de Estudos Piauienses, Série A, nº 2, 1953; *Fermes Nationales d'Élevage dans l'Etat de Piauí*. Rio de Janeiro. Imprensa da Casa da Moeda, 1893; *Limites entre o Piauí e Maranhão*. Documentos mandados publicar por subscrição popular. Teresina, Tip. da Pátria, 1907; Marinho (D. G.), *Fiscalização das Fazendas Nacionais do Estado do Piauí*. Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, 1898; Mendes (Simplicio), *Propriedade Territorial no Piauí*. Teresina, "O Piauí", 1928; Miranda (A. A.), *Estudos Piauienses*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, Brasileira vol. 116, 1938; Neves (A.), *Aspectos do Piauí*. Teresina, Tipografia "O Piauí", 1926; Porto (C. E.), *Roteiro do Piauí*. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura, 1955; Mott (L.R.B.), "Fazendas de gado do Piauí: 1697-1762", *Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, Volume II, 1976, p. 343-369; Mott (L.R.B.), "La Estructura demografica de las haciendas de ganado de Piauí-Colonial: un caso de poblamiento rural centrifugo", *Comunicação apresentada na Conferência Internacional da International Union for the Scientific Study of Population*, Mexico, Agosto 1977 (mimeo).

(6). — Ennes (E.), *As Guerras nos Palmares*. Brasileira, vol. 127, 1938, p. 370-389.

(7). — Oliveira Martins (F. A.), *Um Heroi Esquecido* (Diário da viagem de regresso para o Reino, de João da Maia da Gama, e de Inspeção das Barras dos Rios do Maranhão e das Capitánias do Norte em 1728). Agência Geral das Colônias, Lisboa, 1944, 2º volume, p. 18-30.

(8). — *Mapas e Planos Manuscritos relativos ao Brasil Colonial (1500-1822)*, Ministério do Interior (Itamarati), nº 192 e nº 193.

Para o século XIX, dispomos principalmente de três referências: o *Roteiro do Maranhão a Goiás pela Capitania do Piauí* (9), onde seu Autor descreve vários aspectos do clima, solo, vias de comunicação e a produção do setor agro-pecuário do Piauí; a *Memória relativa às Capitânicas do Piauí e Maranhão* (10), escrita por Francisco Xavier Machado (1810), onde encontramos além de informações sobre as principais localidades do sertão piauiense, suas distâncias e produções, minuciosas informações a propósito das fazendas da extinta Companhia de Jesus; e finalmente, os relatos de viagem de von Spix & von Martius (11), salvo erro, os únicos viajantes-naturalistas que palmilharam aquela região tendo deixado algumas páginas onde descrevem de maneira viva notadamente a região de Oeiras, seus habitantes e ocupações. Cumpre referir que embora as memórias e relatos de viagem sobre o Piauí durante o período Colonial não sejam tão numerosos e prolixos, o certo é que temos conhecimento da existência de abundante e rica documentação inédita, conservada nos arquivos do Brasil e Portugal, e que aguardam estudiosos que a divulgue e analise. Não conhecemos ainda o Arquivo Histórico do Piauí, nem os Arquivos do Pará e Maranhão, onde certamente deve haver farto material relativo à Capitania e Província do Piauí. Contudo apenas no Arquivo Nacional, na Biblioteca Nacional e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (todos no Rio de Janeiro), encontramos farto e rico material manuscrito relativo aos séculos XVIII e XIX que não mereceu ainda o devido tratamento (12). Em Portugal, no Arquivo Histórico Ultramarino, além das onze “caixas” (indo de 1705 a 1831) contendo exclusivamente documentação relativa ao Piauí, temos conhecimento ainda de centenas de outros documentos dispersos, quer nas “caixas” da Capitania do Grão-Pará, quer nas do Maranhão, isso sem falar noutro tanto de dados existente nos Códices do Conselho Ultramarino e nos demais Arquivos lusitanos (13). Foi

(9). — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo LXII, parte 1, 1900, p. 60-161. (Autor anônimo).

(10). — *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo XVII, terceira série, nº 13, 1º trimestre, p. 56-63.

(11). — Von Spix (J. B.) & Von Martius (C. F. P.), *Viagem pelo Brasil*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938, p. 414-423.

(12). — Embora date de 1920, o primeiro levantamento relativo às fontes sobre a história do Piauí existentes no Rio de Janeiro e em Portugal, até o presente, salvo erro, não se realizou nenhum outro levantamento sistemático nos Arquivos nacionais e estrangeiros, e muito menos, foi publicado, além do trabalho de Pereira da Costa (*op. cit.*), qualquer escorço documental sobre o Piauí. Cf. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense*, tomo Iº, 1920.

(13). — No *Arquivo Histórico Ultramarino* (Lisboa) há 11 caixas relativas ao Piauí, contendo documentos das seguintes datas: Caixa 1: (1732-1751); Caixa 2: (1760-1763); Caixa 3: (1764-1772); Caixa 4: (1773-1799); Caixa 5: (1800-1823); Caixa 6: (1705-1778); Caixa 7: (1743-1831); Caixa 8: (1745-

exatamente no Arquivo Histórico Ultramarino que tivemos a alegria de encontrar o documento que a seguir vamos transcrever: a *DESCRIBÇÃO DA CAPITANIA DE SÃO JOSÉ DO PIAUI* (14). Trata-se de uma memória manuscrita, datada de Oeiras aos 15 de junho de 1772, de autoria do Ouvidor da dita Capitania, Antônio José de Moraes Durão. Tudo nos leva a crer tratar-se de um texto inédito, pois não o encontramos citado nem por Odilon Nunes, Pereira da Costa, Ferreira d'Alencastre, nem tampouco por J. Norberto de Sousa e Silva (15). A única referência à sua existência, salvo erro, foi feita por G. L. Santos Ferreira, que interessado em desvendar a questão dos limites do Piauí com os Estados limítrofes, esteve no começo do século atual em Portugal, consultou a referida *DESCRIBÇÃO* mas contentou-se em transcrever no seu opúsculo apenas uma página que tratava da desembocadura do rio Parnaíba (16).

Sobre seu autor, Antônio José de Moraes Durão, pouca coisa relatam os documentos. Sabemos que após a partida do Governador do Piauí, Gonçalo Lourenço Botelho de Castro para o Maranhão, a 19 de Janeiro de 1775, tomou posse do governo interino da Capitania, no dia seguinte, o Ouvidor Antônio José de Moraes Durão, fazendo parte de uma junta composta pelo Tenente-Coronel João do Rego Castelo Branco, oficial militar da patente mais elevada e pelo vereador mais velho da Câmara do Senado de Oeiras, José Esteve Falcão (17). Outro documento que conseguimos encontrar referente ao Dr. Durão é uma carta enviada pelo Governador do Maranhão, Joaquim de Mello e Povoas, ao Marquês de Pombal, datada de 16 de outubro de 1775, onde relata as queixas que contra o Ouvidor Durão fazia o Alferes da Cavalaria Auxiliar da cidade de Oeiras, Manoel Antônio Torres: diz que o Dr. Durão

“moveu dúvida sobre os pagamentos dos soldos de dois sargentos-mores da Cavalaria e Ordenança, que na conformidade das

-1828); Caixa 9: (1745-1798); Caixa 10: (1770-1823); Caixa 11: (1774-1798). Além destas Caixas, há ainda no mesmo Arquivo outro tanto de *Códices* que tratam do Piauí: eis seus números no Inventário Geral dos Códices: nº 73, 85, 96, 103, 113, 114, 117, 138, 177, 195, 335, 337, 401, 402, 418.

(14). — Arquivo Histórico Ultramarino, Caixa 3.

(15). — Sousa e Silva (J. N.), *Investigações sobre os recenseamentos da população Geral do Império e de cada Província de per si, tentados desde os tempos coloniais até hoje*. Rio de Janeiro, 1870.

(16). — *Relatório das Investigações a que procedeu Guilherme Luiz dos Santos Ferreira nos Arquivos Portugueses para achar entre os documentos respectivos ao Brasil os que interessam especialmente ao Piauí*. Lisboa, Tipografia da Cooperativa Militar, 1903, p. 13-14.

(17). — Pereira da Costa, *op. cit.*, p. 92. Pereira d'Alencastre, *op. cit.*, refere-se além de Durão e Castelo Branco, a Domingos Barreira de Macedo como o terceiro membro do Governo Interino (p. 8).

suas patentes, se lhes devia pagar dos renditos da Câmara de Oeiras, que pelos não ter de modo que chegasse para aquela satisfação, se dificultou ao mesmo Senado o pagamento do dito soldo” (18).

Com a intenção de conseguir suficiente cabedal para pagar aos referidos sargentos-mores, Durão solicitou ao Senado que erigisse um novo contrato para os aguardentes: o Senado se recusa. Aí então passa o Ouvidor a perseguir os oficiais da Câmara e em particular ao citado Alferes, que na ocasião exercia a função de Tesoureiro dos Ausentes. Em vista disto, pede o solicitante que sejam tomadas as devidas providências a fim de que se voltasse a reinar a tranquilidade (19).

Não sabemos se por esta razão, ou por que motivo particular, a 3 de dezembro de 1778, isto é, menos de 3 anos após assumir interinamente as rédeas do Governo da Capitania, Antônio José de Moraes Durão é suspenso de todas as funções públicas e enviado preso para o Maranhão a 17 do mesmo mês (20). Infelizmente nada mais sabemos a seu respeito.

Através da leitura desta sua *DESCRIÇÃO* podemos concluir que certamente o Dr. Moraes Durão devia ser homem culto, pois tanto sua argumentação como seu vocabulário refletem razoável erudição (21). Homem de visão, não se contenta em “descrever” a capitania da qual foi Ouvidor: diagnostica, faz prognósticos, sugere remédios para os problemas que afetavam perniciosamente tal região.

A *DESCRIÇÃO DA CAPITANIA DE SÃO JOSÉ DO PIAUÍ* consta basicamente de duas unidades: uma série de 8 Mapas Estatísticos onde aparecem arrolados para cada povoação da Capitania (cidade de Oeiras, vilas de Parnaguá, Jeromenha, Valença, Marvão, Campo Maior, Parnaíba e um Mapa resumo de toda a Capitania) os seguintes itens: número de fogos, número de almas, homens, mulheres, fazendas e sítios. No que se refere à divisão da população pela cor, os habitantes do Piauí são distribuídos em 6 categorias: brancos, mulatos, mestiços, vermelhos, mamalucos e pretos. Ao dividir a população em grupos de idade, Durão estabelece novamente seis grupos: menos de 7 anos, de 7 a 14 anos, de 14 a 70 anos, de 70 a 90 anos, de 90

(18). — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Conselho Ultramarino, Arq. 1.1.11, Maranhão e Piauí, 1775, p. 165 e ss.

(19). — *Idem, ibidem*.

(20). — Pereira da Costa, *op. cit.*, p. 95. Pereira d'Alencastre, *op. cit.*, também aí dá outras datas para a suspensão do Dr. Durão: 2 de dezembro de 1777 sendo removido para São Luiz aos 17 de dezembro deste mesmo ano (p. 8).

(21). — Não temos conhecimento de outro autor do século XVIII que subdividisse a população do Brasil em tantas categorias como fez Durão, a saber: brancos, pretos, vermelhos (índios de qualquer nação), mulatos, mestiços, mamelucos, caful, cabra, curiboca.

a 100 anos, de 100 a 120 anos. Encerra esta primeira unidade um levantamento sobre o número de fazendas do Piauí que tinham senhorio residindo fora da Capitania: em Portugal, na Bahia, no Ceará, em Pernambuco e no Maranhão.

A segunda unidade da *DESCRIÇÃO* é complementar às tabelas estatísticas: consta de duas ou mais folhas de texto em que o Autor discorre a respeito dos aspectos geográficos, sociais, econômicos, demográficos e criminais de cada uma das vilas cuja população foi sistematicamente apresentada nos supra-citados mapas.

Antecede a análise dos aglomerados populacionais uma série de informações a propósito dos conceitos utilizados na elaboração dos mapas estatísticos, sobre a localização da capitania, seus limites, clima, rios, etc. Na conclusão apresenta um resumo histórico relativo à conquista e colonização desta área sertaneja, tecendo considerações sobre os maus costumes reinantes entre sua população.

Seguramente que não foi o Ouvidor Durão quem primeiro reenceou a população e as propriedades da Capitania do Piauí: já nos referimos que em 1697 o Pe. Miguel de Carvalho levava a cabo tal empreendimento (22). Além das informações estatística oferecidas por este sacerdote, dispomos de outros dados relativos ao século XVIII: no ano de 1762, João Pereira Caldas, o primeiro Governador Geral do Piauí, baseando-se nos rois de desobriga dos Vigários de sua Capitania, elaborou um *Resumo de todas as pessoas livres e cativas, fogos, fazendas da Cidade, Vilas e Sertões da Capitania de São José do Piauí* (23), informações que aparecem citadas em muitos estudos consagrados à história do Piauí, inclusive na principal obra relativa aos censos demográficos que tiveram lugar no Brasil nos períodos pré e proto-estatísticos (24). Ainda o século XVIII refere-se Sousa e Silva a dois outros censos levados a cabo no Piauí: um em 1797 e outro, em 1799: infelizmente não fornece maiores detalhes, o ilustre Estatístico, onde coletou tais informações.

Comparativamente à estatística assinada pelo Governador João Pereira Caldas (1762), a do Ouvidor Durão revela-se, sem dúvida, muito mais minuciosa e completa, apesar de ter omitido um dado fundamental: contenta-se em subdividir a população pela cor, sem especificar qual o número daqueles mestiços, mulatos, vermelhos, mamelucos e pretos era escravo ou forro. Embora tenha o cuidado de di-

(22). — Ennes (E.), *op. cit.*, p. 370-389.

(23). — Secretaria de Estado das Relações Exteriores, Arquivo Histórico (Itamarati), Lata 267, maço 2, pasta 1.

(24). — Sousa e Silva, *op. cit.*, p. 37.

ferenciar as fazendas dos sítios (25), Durão deixa o leitor confuso pois não esclarece se no total dos fogos de cada lugar estão incluídos os fogos das ditas fazendas e sítios. Outra ressalva: ao discriminar as idades, apresenta em vez dos tradicionais grupos de 10 em 10 anos, seis grupos que embora se aproximando do chamado critério “profissional”, estende o grupo dos “ativos” dos 14 aos 70 anos, diferentemente do procedimento usual, que considera “velhos” aos indivíduos que ultrapassaram a casa dos 60 anos (26). Aliás, que valor analítico teria visto o Ouvidor Durão em subdividir o grupo dos velhos em três sub-grupos?

Tais lacunas não desmerecem o valor insofismável das informações quantitativas e qualitativas prestadas nesta *Descrição*: dentre os “Resumos”, “Memórias”, “Descrições”, etc., do século XVIII consagradas ao Piauí e até agora conhecidas, esta de Antônio José de Moraes Durão é sem dúvida a mais completa, interessante e que mais luz traz sobre a vida sócio-econômica sertaneja. Tendo percorrido pessoalmente grande parte do território da Capitania, embora tenha vindo de fora (o supra-citado Alferes Torres informava que Durão vinha de Lisboa), ele discorda de certas informações prestadas pelos habitantes locais no que se refere às distâncias e área da Capitania. Discorda igualmente dos Mapas de Volim (?) e de Galúcio, reputando-os pouco exatos no tocante à hidrografia.

Embora reconhecendo a pobreza da Capitania, em parte devida a seu clima calidíssimo, à falta de chuvas regulares, à insignificância da maioria de seus cursos d’água, à natureza arenosa e lageada da maior parte de seu território, Durão não titubeia em apontar como a principal causa de tal atraso,

“à nímia preguiça de seus habitadores que unicamente se aproveitam do que a simples natureza produz, sem mais benefícios ou canseiras...”.

Aliás, este é um dos aspectos que amiude transparece nas idéias de Durão: o caráter indócil e violento de seus habitantes, a repugnância com que viam a agricultura, a supervalorização da atividade pastoril em detrimento das demais. Ele consagra vários trechos de sua *DESCRICAÇÃO* aos problemas das fazendas de gado (muito embora não se refira sequer uma vez às importantes fazendas dos Jesuítas que se espalhavam por toda a Capitania): perseguindo sempre a

(25). — Segundo Durão, “sítios se toma pela fazenda que se cultiva”, enquanto “fazenda se chama a de gado vacum e cavalari, ditas vulgarmente currais”.

(26). — Marcílio (M. L.), *La Ville de São Paulo. Peuplement et Population*. Rouen, Faculté de Lettres et Sciences Humaines, 1968, p. 133.

mesma argumentação, isto é, que a Capitania estava repleta de indivíduos inativos, vadios, preguiçosos, facinorosos, malfeitores, etc., ele utiliza-se de fortes expressões para categorizar tal população. Sua descrição dos *agregados* é a mais viva e minuciosa de que temos notícia: salienta a existência de dois tipos de agregados, os que

“algumas vezes servem como criador inerentes às famílias”, e outros “que nem servem, nem na família se incluem, antes têm fogo separado, posto que dentro da mesma fazenda”.

Relata o estilo de vida desta gente, sua rusticidade, sua indisposição para qualquer outra atividade que não seja ligada às rezes, os problemas e violências que sempre são artífices. Mostra, finalmente, que apesar de constituírem-se em verdadeiras “pestes da república” e desfalcarem as fazendas, sua presença é tolerada e mesmo protegida pelos latifundiários, que através dos agregados

“se fazem mais respeitados” (27).

Para sanar tal calamidade social, além da criação de colônias nas terras limítrofes com os Gentios, aproveitando tal população inquieta, Durão sugere outras medidas corretivas de longo alcance, tais como a criação de mais freguesias pelo interior do Sertão, a fundação de escolas ajudariam, tanto pela cultura, como pela palmatória, a abrandar os costumes de sua mocidade

“que se perde sendo educada na mesma desilusão e ociosidade e mais vícios que os pais e parentes com publicidade praticam...”

sugere ainda que nos confins do Piauí com o Ceará, onde não havia certeza dos limites e jurisdições, vindo a ser, por esta razão o

“principal covil de quantos criminosos há, tanto de uma como de outra capitania, mudando eles as extremas ou confundindo-as e variando-as como lhes faz conta, para não serem inquietados de nenhuma parte”

aconselha então que se estabelecesse aí a determinação dos passaportes de comarca para comarca, medida que certamente redundaria senão na eliminação, ao menos no afastamento destes

“demônios encarnados, que são os curibocas, mestiços, cabras, cafus e mais catres de que a terra é tão abundante...”

(27). — A semelhança entre tais “agregados” e os “moradores” das fazendas de Pernambuco referidos por Tollenare é muito grande. Cf. Tollenare (L. F.), *Notas Dominicais*, Salvador, Liv. Progresso Ed. 1956, p. 96-101.

Cumpre referir, à guisa de conclusão, que ao transcrevermos os dados estatísticos desta *Descrição*, diversas vezes nos deparamos com erros de adição, tanto nos quadros relativos à Vilas, quanto no quadro geral. Assim, confrontando os 7 quadros particulares com o geral, foi-nos possível corrigir os resultados estatísticos. Destarte, os Mapas Estatísticos apresentados aqui apareceme devidamente corrigidos. Atualizamos a ortografia embora tenhamos mantido, tanto quanto possível, a pontuação original. Os nomes de lugar, rios e demais acidentes geográficos aparecem da mesma forma com o Ouvidor Durão escreveu. Em duas ocasiões não conseguimos decifrar a caligrafia do mesmo, pelo que representamos da seguinte forma: (...).

A nosso ver a publicação da *Descrição da Capitania de São José do Piauí*, é plenamente justificada e recomendada não apenas por tratar-se da principal memória setecentista consagrada ao Piauí, enriquecendo-se grandemente as fontes para a sua historiografia, como também devido à sua riqueza de informações, tanto qualitativas, como quantitativas, fornece importantes subsídios para futuras análises de demografia histórica e de história social e econômica da região nordestina durante o período colonial.

* * *

II. — *Documento.*

DESCRIÇÃO DA CAPITANIA DE SÃO JOSÉ DO PIAUÍ.

Vermelho se chama na terra a todo índio de qualquer nação que seja; mamaluco ao filho de branco e índia; caful ao filho de preto e índia; mestiço ao que participa de branco, preto e índio; mulato ao filho de branco e preta; cabra ao filho de preto e mulata; curiboca ao filho de mestiço e índia; quando se não podem bem distinguir pelas suas muitas misturas se explicam pela palavra mestiço o que eu faço, compreendendo nela os cabras e curibocas.

Fazenda se chama a de gado vacum ou cavalariças vulgarmente currais; sítios se toma pela fazenda que se cultivava, sendo separada das de gado; pela qual razão não numerei as roças, engenhocas de açúcar que se acham dentro daquelas porque seria isso multiplicar-lhe fantasticamente o número; as roças ou engenhocas distintas vão compreendidas debaixo da palavra sítio.

Tem esta Capitania 260 léguas de comprido desde a barra do rio Parnaíba até as vertentes de uma serra que fica 13 léguas adiante da vila do Parnagoá, correndo de les-nordeste ao oes-su-

doeste, segundo informação dos mais práticos do país. Porém eu me capacito, não passa de comprimento de 200 léguas porque o tortuoso das estradas abertas ao acaso a representa de maior extensão. Da mesma forma lhe considero 80 léguas onde mais o é; suposto se entenda pelos mesmos práticos, passa muito de 800.

Assento que tanto a Carta Geográfica de Mons. Volim como a de Mons. Galúcio tem pouco de exatas, principalmente quanto à direção das ribeiras, não obstante ter o dito conferido a esta Capitania para a construção da sua.

Divide-se a mesma da do Maranhão pelo rio Parnaíba quase desde o seu nascimento até a sua barra; da do Ceará por umas matas que principiam junto à costa do mar, próximas à Vila da Parnaíba, em direitura à Serra da Beapaba que cinge quase esta Capitania ao nascente, continuando se vai dividindo pela Ribeira de Jaguaribe, Riachão e por outras matas, serras e travessias com declinação para o sul. Da de Pernambuco se separa por umas serrarias que continuam até o Rio Preto, onde confina com a da Jacobina, correndo de sul para sudoeste; da dos Goiazes pelas Terras Novas, inclinando-se para as cabeceiras da Parnaíba onde confina com o gentio bárbaro sem limite.

E o clima sadio, posto que calidíssimo; mas os muitos bosques, lagoas e outros lugares lodinosos produzem muita sezão e malignas nos fins das chuvas. Também se padece com frequência a queixa da corrupção, a que chamam “bicho”, causada do nímio calor de um país situado debaixo da zona tórrida. As mais enfermidades são menos frequentes, mas incuráveis, porque em todo este sertão se não acha um médico nem cirurgião capaz. A hipochondria, o escorbuto, a asma fazem mais estragos do que se imagina, mas são desconhecidas.

E Capitania pobre, mas desempenhada. Pouco fértil, não tanto por influência da terra que pela maior parte é arenosa e laguada, quanto pela nímia preguiça de seus habitadores que unicamente se aproveitam do que a simples natureza produz, sem mais benefícios ou canseiras deles. Há muitas paragens excelentes para cultura, mas desprezadas, donde vem serem os frutos da terra, como são a mandioca, feijão, milho, arroz, açúcar em comparação com as demais capitánias, totalmente caríssimos.

Entre tantas ribeiras desta Capitania, apenas são perenosas a Gorguéa, o Paraim, a Parnaíba, além de alguns ribeiros de pouca consideração; os mais unicamente correm no tempo das chuvas a que no país se chama “verde”. O Parnaíba é navegável mais de

100 léguas pela terra adentro, porém de canoas somente, porque as muitas cachoeiras que tem, impedem outra embarcação; ainda aquelas navegam com bastante trabalho e perigo pela causa disto.

CIDADE DE OEIRAS

Fica esta cidade no meio da Capitania; é situada numa baixa com inclinação para o poente e cercada de montes. Daquela parte a banha o Ribeiro da Mouxa que deu o nome à povoação enquanto vila; dele se bebe porque em toda a sua circunferência, não tem fonte alguma. Não tem relógio, Casas de Câmara, cadeia, açougue, ferreiro ou outra alguma oficina pública. Servem de Câmara umas casas térreas de barro e sobre que corre litígio. A cadeia é cousa indigníssima sendo necessário estarem os presos em troncos e ferros, para segurança. A casa do açougue é alugada, e demais coisa nenhuma. As casas da cidade todas são térreas até o próprio palácio do Governo. Tem uma rua inteira, outra de uma só face, e metade de outra. Tudo o mais são nomes supostos; o de cidade verdadeiramente só goza o nome. Tem a Câmara pouco mais de 200\$000 de renda e os cameristas nada de propinas; mas daqui nasce a repugnância com que servem, não obstante os prestígios de que ficam gozando e não obstante chamarem-se regularmente os próprios vaqueiros para servirem de juizes e vereadores.

Há nesta cidade e todo seu distrito uma só freguesia na invocação de Nossa Senhora da Vitória; mas é extensa demais e por esta causa, impossibilitada da administração dos sacramentos. Exceto na cidade, tudo o mais morre sem eles. Passam-se anos sem se batizarem os meninos e sem se satisfazer aos mais preceitos eclesiásticos. Todo o que morre no campo se enterra junto das estradas e os sufrágios que se lhe fazem, são as orações de algum viandante pio.

Podia haver, a necessidade pede, haja mais freguesias no campo, principalmente onde se acham já eretas algumas capelas como é na Bocaina, junto à Ribeira do Itaim, no Ingá ou Fazenda do Brejo, Ribeira do Canindé, no Brejo do Piauí e na Nazaré, Fazenda dos Algodões da mesma ribeira.

Tem a cidade unicamente 157 fogos, porque suposto no mapa se vê 269, se deve entender porque se lhes juntam os da circunferência na distância de uma légua. Da mesma forma, tem somente 692 almas, as mais são na dita circunferência, e esta é a melhor demonstração de sua grandeza.

Cuidam muitos habitantes deste país em fugir da sociedade vivendo nos matos e brenhas, onde se figuram mais livres e donde vem a falta de instrução que padecem, e o respirar tudo a bárbaro e feroz. Verdade esta bem indicada pelos muitos e graves crimes que cometem principalmente de mortes e resistências. Nesta mesma cidade não há uma aula de gramática, só uma de escola é que fiz abrir quando aqui cheguei. A mocidade se perde sendo educada na mesma desilusão e ociosidade e mais vícios que os pais e parentes com publicidade praticam.

Há no distrito desta cidade duas povoações de índios: os Jaicós aldeados junto à Ribeira do Itaim e apenas chegarão hoje a 60 indivíduos, e os Gueguês que se situaram em São João de Sande distante da mesma cidade 8 léguas para a parte do norte e chegam, entre grandes e pequenos, a 252. Não os meti nos mapas porque não só não prometem aumento, mas nem ainda subsistem porque os Jaicós estão quase extintos e os Gueguês existirão pela metade do que eram quando se aldearam haverá 12 ou 13 anos. Vieram de novo 424 Acroás que se não acham ainda aldeados e as 3 juntas fazem o número de 736 almas. São uns e outros inseparáveis do furto e bebedeira e geralmente de qualquer nação que sejam, nimiamente estúpidos, preguiçosos, glutões e ligados aos seus ritos e superstições em um maior extremo, pegando-as como contágio aos mais moradores da Capitania. Já nela houve mais aldeias de que apenas há memória como direi falando dos Oroazes na Vila de Valença (mapa 5).

As principais ribeiras deste distrito são Piauí, Canindé, Riachão, Guaribas, Itaim, Talhada, Mouxa e outras mais pequenas que se metem nestas. A Mouxa e Talhada correm todo o ano; as mais quando chove somente. Quando o Canindé entra no Parnaíba as tem recebido todas. O Piauí fica ao sul da cidade, a Mouxa ao poente, as mais para o nascente e norte porém todas se metem no Canindé na forma dita.

VILA DO PARNAGOÁ

Fica a Vila do Parnagoá ao oes-sudoeste desta cidade e dista dela pouco mais de 90 léguas. Tem junto a si um lago, com 5 léguas de circunferência. É abundante de peixe e não muito nocivo à saúde porque o atravessa o rio Paraim que todo ano corre.

Não tem oficinas públicas, como todas as mais vilas da Capitania, e o mesmo se deve entender pelas rendas das Câmaras, porque não tendo terras suas, contratos ou foros, nem verificado a

graça que S. Magestade a todos fazia quando se criaram, de seis léguas de terra em peão a cada uma, é claro não poderem ter renda nem aumento.

Próximo a uma fazenda chamada do Mocambo, se acha um sítio chamado o Brejo, com 42 moradores, que fazem um povo mais numeroso, que a própria vila da qual dista 12 léguas ao mesmo rumo, mas nem nome tem de aldeia, nem juiz ou justiça, ao passo que se aumenta em cultura e negócio.

Quando desta cidade se caminha para a Vila do Parnagoá fica à esquerda entre as cabeceiras do Piauí e do Corimatá, mas já no distrito daquela Vila, um sítio chamado "As Pimenteiras", que terá, segundo notícia, 30 ou 40 léguas de extensão; no centro do mesmo, é constante se acham aldeados numerosos índios a quem se dá o mesmo nome do lugar. Muitos anos se conservaram pacíficos, sem sair fora, nem causar dano algum. Porém, de tempos a esta parte se tem averiguado prática já ao contrário, matando e fazendo estrago nas fazendas mais próximas.

Enquanto porém se buscam os de fora, indo conquistá-los por força, com excessivos trabalhos dos moradores da Capitania, fintas violentas de cavalos, dinheiro, bois e farinha, e grande despesa da Real Fazenda, que nenhuma utilidade recebem destas conquistas, mais que novo estrago das fazendas que lhe causam estes nocivos e inúteis habitantes, quando se metem de paz, obrigados da necessidade e que ainda vencidos, sempre vivem com violência, esperando ocasião oportuna para se levantarem como a experiência tem freqüentes vezes mostrado. Parece seria mais útil e menos custoso se domesticassem aqueles, convidando-se mais com suavidade e artifício, que com força, para se evitar a irreparável ruína que podem causar como situados quase no coração de uma Capitania, desacautelada e com pouca gente para um assalto repentino. Voltemos à vila.

Tem esta unicamente 29 fogos, os dois que se acrescem no mapa são nos arrebaldes. Fica em planície e goza melhores ares que esta cidade, peio que se vive naquele distrito em melhor saúde, e se chega a mais avançada idade. Atualmente tem três homens, dos quais um tem 110 anos, outro 112, o terceiro, 120. O clima não é tão cáldido.

As ribeiras do Corimatá, Paraim, a Gorguea com o nome de Gelboés que regam e fecundam bastantemente o distrito desta Vila, desaguam todas no Parnaíba, incluídos já no Gorguea, e isto junto à Vila de Jeromenha. Gorguea e Gelboés é tudo o

mesmo, porém enquanto esta ribeira corre pelo Distrito do Parnagoá, passa com o nome de Gelboés, tomado de um sítio que banha e é povoado de bastantes fazendas de gado vacum, entrando no da Jeromenha, deixado aquele nome toma o de Gorguea que conserva até se sepultar no Parnaíba.

A mesma Gorguea, Parnaíba, Urujú e Rio das Lontras, nascem todos de uma mesma chapada que confronta quase com as Terras Novas, pertencentes a Goiazes, e suposto que com bastante distância um dos outros no seu nascimento. Vem todos com o seu cabedal aumentar o da Parnaíba, que da mesma forma recebe o de todos os mais rios ou ribeiras desta Capitania, como são, Piauí, Canindé, Poti, Sorobi, com os que nestes se metem e correm de nascente para poente com pouca variedade.

Algumas fazendas deste distrito têm salinas, mas o sal é nocivo à saúde. A invocação da Freguesia é de Nossa Sra. do Livramento.

VILA DE JEROMENHA

Está situada a Vila de Jeromenha quase ao poente desta cidade e dela dista pouco mais de 30 léguas. Quando se caminha para Parnagoá, fica à mão direita. Tem unicamente 5 fogos; os 18 que se lhe vêem são na circunferência. Não obstante ficar junto da Gorguea, e situada em lugar cômodo, nenhum aumento tem tido, como mostra o número de seus vizinhos, havendo 11 anos que é vila; o mesmo sucede às mais, e como a respeito desta, nada tenho que notar, apontarei aqui a principal causa daquele defeito.

Além dos senhorios das fazendas ou seus feitores, vaqueiros, fábricas e mais pessoas que nelas moram, como uma só família, há outras muitas a que chamam agregados, e são de duas formas: uns que em algumas ocasiões servem como criador inerentes às famílias, outros que nem servem, nem na família se incluem, antes têm fogo separado, posto que dentro da mesma fazenda. Os primeiros, dado que maus, são toleráveis, mas os segundos, são péssimos e danosos em todo o sentido.

Disfarçam estes refinados vadios, preguiçosos, ladrões, matadores e pestes da república a sua péssima conduta com duas raízes de mandioca ou de tabaco que fabricam e que nunca chega para os sustentar e suas famílias mais que um ou dois meses no ano, mantendo-se o resto do mesmo, do que furtam e caloteam na mesma fazenda em que moram e nas circunvizinhanças, porque nenhum deles tem outro ofício nem qualquer que seus filhos aprendam.

Os donos das fazendas os toleram com semelhante vida e com prejuízo seu, parte por medo, pois se os encontram ou querem delas expulsar, só se expõem a um tiro, parte por dependência, porque se fazem mais respeitados com o seu auxílio; e quando se querem vingar de alguém têm prontos os seus agregados para toda a casta de despique. A justiça os não pode castigar, porque os não pode prender. A sua vida ou vivenda no mato, os prontos avisos que recebem de qualquer movimento e o pouco que têm que perder, lhes facilitam a fuga quando não têm forças para a resistência.

Os seus bens são a casa de palha, que se fabrica num dia, um cavalo, uma espada, uma faca e alguns cachorros que facilmente consigo mudam e com a mesma facilidade sustentam enquanto lhes é preciso andar no mato. São estes demônios encarnados os curibocas, mestiços, cabras, cafus e mais catres de que a terra só é abundante, que apossados pelas justiças das outras capitánias em que delinquem e onde lhes não é fácil ocultar-se por povoadas e abertas, buscam esta como um infalível asilo das suas maldades e lugar próprio para continuarem nelas com todo o desafio e sossego.

Enquanto porém se lhes permite esta depravada vida, com perda dos gados que furtam, com irreparável dano das gentes que matam, das mulheres que violentam, arrebatadas umas dos regaços de suas próprias mães e outras dos lados de seus maridos, sem lhes aproveitarem as lágrimas e humildes rogativas e enquanto finalmente vivem como brutos cometendo todo o fato horroroso em toda a espécie de delitos, desempenhando o nome de monstros e dando o mais escandaloso exemplo à sociedade. Estão as vilas ao desamparo, sem haver quem as povoem, sem artífices para as obras necessárias, sem homens para o trabalho, e sem aumento algum. Destas fogem eles com todo o desvelo, porque nelas se havia examinar o seu modo de viver e se poderiam capturar quando delinquissem com toda a facilidade, porém está tão arraigado o mal, que sem providência superior, nada tem remédio; muito mais por haver quem por depravação de espírito, siga a péssima máxima de que se não devem apertar por não desampararem a capitania, como se não fosse utilíssimo que a deixassem para cessar o mau exemplo que dão, em que se buscasse outro meio de evitar os freqüentes delitos que cometem, para suspender de qualquer sorte a torrente dos danos que causam.

Bom era de fabricar com eles, colônias que entrando nas terras dos gentios e estabelecendo-os nelas, servissem de barreira, cobrindo esta capitania, pois ao passo que se saneava fora esta

pestífera raça, se evitavam os descontos, vexações e despesas que o povo faz na conquista daqueles e os graves prejuízos que causam, ainda depois de serem aqui metidos e aldeados.

A invocação da Freguesia é Sto. Antônio da Gorguea.

Até agora, falamos das duas vilas que ficam para o poente desta cidade, mas agora é preciso voltar o rosto para ver as quatro que nos ficam de nordeste até les-nordeste da mesma, e ir caminhando até divisar a costa na Barra da Parnaíba, onde finaliza esta Capitania.

VILA DE VALENÇA

A primeira que se encontra destas, é a de Valença, formada em um sítio que se chamava Catinguinha, para demonstrar pelo nome, a má qualidade do seu arvoredo. Dista desta cidade, 18 léguas e se encontra no pior sítio de todo o seu distrito, sem águas, sem pastos e sem outra alguma das comodidades necessárias para qualquer povo. Tem uma ermida de barro, mas arruinada com invocação de Nossa Senhora do Ó. Não tem câmara, cadeia, açougue, ou outra alguma oficina, e fica numa baixa terrível, onde se bebe de cacimbas.

Tem 9 vizinhos ainda que no mapa supra lhe damos 67, porque este número se prestam com todos os que moram até a distância de uma légua a que cá estendem o nome de subúrbios. Deixou-se o Sítio dos Oroazes onde há a freguesia e donde há um templo de pedra que tem custado mais de 16 mil cruzados. Corre ao pé um ribeiro de boa água, tem pastagens, muita e boa pedra para toda a casta de edifícios, muita madeira, e o mais preciso para uma grande povoação.

Neste sítio, estiveram aldeados os índios Oroazés, que deixaram o seu nome ao mesmo, porém hoje só permanece a sua memória. Fica o mesmo distante da Vila de Valença 8 léguas ao mesmo rumo. Também se deixa o Rodeadarco com iguais conveniências e além delas a da boa qualidade de sua terra para roças, por estar entre as Ribeiras de São Bito e Poti, com muita abundância de águas. É rara a fazenda desta freguesia onde não haja roças, engenho, porque é uma das que tem melhores terras nesta capitania, porém eu nomearei-as separadas pela razão dita, de não causar confusão, multiplicando-as. Nas últimas fazendas desta freguesia, contando para Jaguaribe, Ribeira de Oxoré com casas ao nascente, chamada a Lagoa e das Almas, se encontram Catingas Gerais, nome que se dá ao mato continuado, inferior e sem águas, que elas tem rompido alguns sujeitos com bastante

trabalho e afirmam que com 5 ou 6 dias de jornada porque corresponde a 20 léguas com pouca diferença, se chega a umas serrarias, donde se descobrem muito ao longe para diante, pelas dificuldades das serras e da secura, se precisaram a voltar sem mais circunstâncias de seu descoberto. Acrescentam que naquele centro se acham arranchados os Oroazes, que deixaram a sua aldeia segundo uma relação de dois índios antigos, e de um sacerdote que lá tinham chegado a entrar.

Muitos confirmam isto mesmo por outros fundamentos, assentando todos que os índios se tem aumentado naquele lugar grandemente e que a maior dificuldade deste descoberto consiste o de se não acertar com a entrada das serrarias, porém eu discordo que a frouidão, o medo dos que lá tem ido figurando algum poder de Vermelhos insuperáveis é o maior obstáculo de sua entrada. Contudo, parece útil a indagação do que há naquelas cerros, ou para aumento da Capitania, sendo certo o que se conta, ou para sossego dos vadios e curiosos, verificando serem palácios encantados, como suspeito.

A invocação da Freguesia é de Nossa Senhora da Conceição dos Oroazes.

VILA DE MARVÃO

Para diante de Valença e em direitura à Vila de São João da Parnaíba, ficam as duas vilas de Campo Maior e Marvão, no meio da distância que vai desta cidade àquela Vila da Parnaíba. Uma em par da outra na distância de 18 léguas, com pouca diferença, porque dizem que desta cidade a qualquer daquelas vilas são 60 léguas, e outras 60 de qualquer delas à de São João. Eu ainda que convenha na igual distância porque já tenho andado por estas vilas, não a sinto no número das léguas e unicamente conta 100 desta cidade a dita vila, mas concedo ficarem as duas de que vou tratar no meio do caminho.

Esta de Marvão é a pior de toda a Capitania, porque se acha no sítio mais seco e fúnebre da mesma. Tem únicas três casas ou moradores, para melhor dizer, pois ainda que aquelas são mais, não tem inquilino algum. O vigário, o juiz, o escrivão e o pior é que nem esperança deixa destes aumentos por lhe faltarem todos os princípios condizentes para os mesmos.

Tem pouca gente porque apenas tem uma ribeira mais considerável no seu distrito, que é a do Carateus, que vem desaguar na do Poti. Confina com a Serra da Beapaba, onde os limites desta Capitania com a do Ceará não tem certeza, donde vem ser o principal covil de quantos criminosos há, tanto de uma como de

outra capitania, mudando eles as extremas ou confundindo-as e variando-as como lhes faz conta, para não serem inquietados de nenhuma das partes.

As longitudes entremeadas de bosques, áspero dos caminhos o inacessível das serras, concorrem todos para o seu intento. Esta entrada de Carateus é a mais segura para todos os criminosos do Carai e de todo o Ceará e a saída mais certa dos que nesta capitania delinquem e é certo que só sendo as jurisdições dos ministros cumulativas para os casos capitais ou fazendo-se praticar a determinação dos passaportes de comarca para comarca, se poderia fechar de alguma forma a mesma.

Tem uma só freguesia de Nossa Senhora de Nazareth, porém nada de câmara, cadeia, como o mais. Antes de vila se chamava sítio e Rancho do Mato, nome de uma fazenda em que se acha fundada. Dizem com muita certeza que tem ouro nos seus riachos, mas que não é de conta, suposto se achasse já folheta de meia libra.

Confina esta vila com a de Valença, com a de Campo Maior e com a de São João da Parnaíba, na Capitania; pelo nascente com a do Ceará. Nada mais me ocorre que notar a seu respeito. Por equivocação digo acima ser a invocação de Nossa Senhora do Nazareth, porque é de Nosso Senhora do Desterro.

VILA DE CAMPO MAIOR

Ao lado da Vila de Marvão, ou ao norte da mesma, se encontra a Vila de Campo Maior, numa espaçosa e alegre campina, com 79 fogos e semelhanças de povoação do Reino desafrontada de matos; é mais capaz de ser cidade que esta de Oeiras, que fica numa cafurna.

Tem muito povo, muita fazenda e bons sítios; confina com o Rio Parnaíba da parte do norte, com a vila de Marvão quase ao sul, com a de Valença e de São João da Parnaíba.

Fica coisa de 50 léguas de terra distante desta cidade, e é regada de algumas ribeiras, como são o Parnaíba, Poti, que lhe servem de extremos; o primeiro com a Capitania do Maranhão, ao segundo com uma ponta da freguesia desta cidade e Vila de Valença; o Longá, Sorobi, copioso de peixe, e outros muitos, mas mais inferiores. Contudo não tem câmara, cadeia e açougue, nem outra alguma oficina pública, como já disse falando das mais vilas. As suas ribeiras do Longá e do Poti, semelhantes à de Carateus, têm sido o escândalo de toda a Capitania, pois inumeráveis mortes que nelas se tem feito e fazem, posto que com menos

frequência, fiados na vizinhança da Beapaba e confusão dos extremos, como acima se disse.

Na barra que o Poti faz no Parnaíba, tem bastante número de vizinhos ou fogos. O sítio é comunicável pela junção daquelas ribeiras de boa produção pela qualidade das terras e com capacidade para se formar um grande povo. No Celongue, outro sítio, assim chamado pelo nome de uma fazenda, também tem mais de 20 fogos juntos. Nas barras tem uma igreja de campo muito suficiente e para a parte do Poti, se trabalha noutra de invocação de Nossa Senhora dos Humildes.

A freguesia da vila e de todo o distrito é da invocação de Santo Antônio do Sorobi, por diferença do da Gorguea, porém ainda hoje a todo aquele território se chama o Longá.

Deriva-se aquele nome de uma nação de vermelhos assim chamados, que habitavam naquela ribeira e suas vizinhanças, enquanto não foram expulsos pelos reinóis, que entraram a descobrir e povoar aquela paragem. Assim também o de Carateus, no Distrito de Marvão, que tomou o mesmo nome de outra Nação assim chamada, por possuírem a dita ribeira, e que se estendiam pela do Poti até a do Parnaíba, ocupando uma grande porção de terras. Paracatis se nomeavam a Ribeira do Piauí no distrito desta cidade, porém de todas estas Nações, e outras muitas que pelas mais ribeiras habitavam não existe hoje mais que o nome.

VILA DA PARNAIBA

O Rio Parnaíba depois de regar estes sertões por espaço de muito mais de 200 léguas, aumentado e caudaloso com todas as ribeiras desta capitania e algumas da do Maranhão, que correm por Pastos Bons, freguesia fronteira à Vila de Jeromenha, se sepulta no oceano, entre as Capitánias do Ceará e do Maranhão numa ponta de terra que pertence a esta do Piauí, e que chega a costa do mesmo mar, com a largura unicamente de quatro ou cinco léguas.

Faz dois braços na barra com bem diferentes nomes: o da parte do Poente conserva o de Parnaíba, mas o do Nascente, toma o de Iguarani, e a ilha que forma entre um e outro se chama de Santa Isabel. No braço do Iguarani e na margem oriental dele, fica situada a Vila de São João distante quatro léguas da Costa do Mar.

Tem uma só freguesia da invocação de Nossa Senhora do Carmo da Piracuruca, mas fica 30 léguas distante da mesma, para

a parte de Campo Maior. O templo é de pedra de cantaria assaz magnífico o que fez de despesa quase 200 mil cruzados, porém está sem uso e descoberto.

Tem-se aumentado esta Vila pelo negócio que nela se estabeleceu das carnes secas e couramas, que levam as sumacas ou barcos da Bahia, Pernambuco e outros portos, trazendo dos mesmos alguma fazenda, que davam em parte do pagamento, porque a sua barra e a sua costa, em razão dos muitos baixios que tem, não permitiam lhe chegasse embarcação de maior lote.

A Câmara tem sua renda nestas entradas, porque lhe pagava de gabela cada uma daquelas embarcações 14\$000, sempre que vinham ao porto. Agora porém tem diminuído uma e outra cousa por causa da feitoria que na mesma Vila se pôs pela Companhia do Maranhão, o ano próximo passado.

O braço do rio que conserva o nome de Parnaíba serve de limite à Capitania do Maranhão e a do Ceará; principia afastado da Vila cousa de duas ou três léguas somente.

Como o principal negócio que nela se faz consiste nos gados que se matam nas feitorias e estas ficam arrimadas à Vila, é natural padeçam as epidemias que quase todos os anos experimenta, porque o fétido que causa o sangue espalhado e mais miúdos de tantos milhares de reses que se matam no pequeno espaço de um até dois meses, corrompe o ar com muita facilidade e produz o dano apontado. As moscas e outras savandijas são tão inumeráveis que causam inexplicáveis moléstias aos habitantes, e isto mesmo há de suportar precisamente toda a pessoa que vai de fora porque só no tempo de verão se pode caminhar por aquele distrito, pois de inverno por ser baixo, e alagadiço, se cobre de lagoas e faz absolutamente impraticáveis os caminhos de sorte que o povo se tem visto na consternação de padecer algumas fomes por aquela causa, no referido tempo e assim é o da matança da referida vila.

Os primeiros descobridores deste sertão foram Francisco Dias de Ávila, Antônio Guedes de Brito, Bernardo Vieira Tavares, Domingos Afonso Certão, e outros, aos quais concedeu S. Magestade todas terras que possuísem. E suposto expulsassem os índios das Ribeiras do Piauí e Canindé, foram as primeiras que se descobriram, tornaram os mesmos a recuperá-las com bastantes estragos para ocuparem. Outros reinóis mais ajudaram os primeiros, e pouco a pouco se foram entrando, indo pelas mesmas e outras ribeiras, lançando fora de todas os ditos índios, estabeleceram-se ocupando cada, e povoando o que poude, mas daqui se seguiram

ao depois pleitos com os dactários que ainda agora se acham indecisos.

No ano de 1696 erigiram a freguesia, escolhendo para ela o Brejo da Mouxa, como centro do sertão descoberto; em fevereiro de 1697, pactearam por (...) o primeiro pároco fizesse a desobriga das freguesias pelas ribeiras, pediram depois disso, por já muito o povo, um juiz de fora que administrasse justiça; e El Rei D. João 5º que Santa Glória haja, depois de criar a povoação em vila, com o mesmo nome de Mouxa, por carta de 30 de junho de 1712, lhe concedeu Ouvidor Letrado em 1718, suposto que só veio a tomar posse o primeiro em 1724. Ao mesmo tempo se foram erigindo freguesias pelo campo porque se aumentavam os moradores, descobriram e povoavam mais ribeiras até que no ano de 1761, por Carta Régia de 19 de junho do dito ano, foi a Vila criada Cidade, com o nome de Oeiras, e as freguesias de Campo, Valença, por mercê do Augustíssimo P. D. José I que atual e felizmente reina passando para esse fim a esta Capitania o Exmo. João Pereira Caldas, que foi o primeiro Governador dela, com a patente de Coronel da Cavalaria, nela deixou perpétuas memórias da sua prudência, candidez, desinteresse e outras virtudes que o adornam como também os desembargadores Francisco Marcelino de Gouveia, com assento no Conselho Ultramarino, e Luiz José Duarte Freire, servindo de Ouvidor com assento na Relação da Bahia, Ministros de grande circunspeção, literatura e bondade.

Até aquele tempo, se sustentava o representante dos Exmos. Governadores do Maranhão e das Justiças da Comarca, por uma Companhia de intendentes, que do regimento daquela cidade de tempos em tempos se destacava para esta Capitania e ficava às ordens do Ouvidor da mesma. Hoje criou S. Majestade uma de dragões com os seus cabos competentes e dois regimentos de auxiliares de pé e cavalo, mas a exorbitância dos soldos daquela, fardamentos, munições, hospitais e mais despesas faz excedam estas muito a produção dos dízimos; único rendimento da Real Fazenda neste sertão, suprimindo até agora as dívidas antigas que se tem cobrado e que findas dentro de dois ou três anos se há de verificar a certeza do que levo dito.

Enquanto os primeiros descobridores davam ao longe, uma grande idéia destes sertões, movidos dela se abalavam muitos a seguir-lhes o exemplo, para lhes ser companheiros nos interesses que se prometiam, se evacuavam todas as capitánias vizinhas dos maus humores que as alteravam, porque os criminosos, os insolentes e os falidos buscavam de tropel estas ribeiras e suas bre-

nhas, não tanto para seu aumento quanto para nelas ocultarem com segurança as suas maldades e desregramentos, firmes estabelecidos com a mudança de nome e de território, nenhuma faziam na vida, antes continuavam naquelas com tanto maior desafogo quanto viam mais impossível a punição das mesmas. Ainda hoje dura esta máxima, porque ainda hoje é receptáculo de tudo o que é mau.

Ao mesmo tempo se iam domesticando, já por força, ou já por arte, muitos índios que faziam uma vida muito livre e muito brutal, por todo o gênero de vícios lapidam segundo os seus antigos vícios e costumes que nunca largavam.

Vinham os pretos parte em cativo, parte fugitivos das mais comarcas, e todos se viram a misturar e confundir, formando um só povo de nações tão diversas em que sempre se respira serem os mesmos vícios de cada uma delas realçada. E como ao mesmo tempo são raríssimos os reinóis que do Reino viessem dirigidos para estes sertões, e ainda assim mesmo tomavam com facilidade os vícios da terra a que não podiam resistir, arrebataados, como se uma torrente que os submergia. É bem perceptível o caráter destes povos.

O perjúrio, os homicídios, a infidelidade, a vingança, a traição e a imodéstia são as paixões dominantes do país, ou de seus moradores. Desde meninos se habitua a matar e a ver matar com freqüência toda casta de animais, perdem insensivelmente a compaixão e praticam ao depois sem dificuldade, com os indivíduos da sua mesma espécie, o mesmo que sempre costumaram com os das mais. Faltos de religião e doutrina, desconhecem a gravidade do perjúrio e da traição. Indóceis por natureza e falta de instrução, se arrojam a cometer todo o delito, sendo já hoje não menos freqüente o do furto; praticado pelos artificiosos modos com que as negociações se fazem. A todos os vícios excede e deles é também causa, a inaudita e indizível preguiça, que os ocupa.

As negociações, manufaturas, tráficos e mais modos de florescer qualquer estado, se reduzem aqui a desprezar tudo o que é officio e trabalho, vivendo unicamente dos gados e cavalos, que os campos criam, dos frutos que o mato produz e de um pouco de mandioca que amestradamente plantam. Lançam boiadas e cavalarias para as Comarcas vizinhas como sempre fizeram, porém já com grande diminuição dos preços, porque nas mesmas se tem feito semelhantes fazendas e reduzido aquele negócio por esta causa à maior decadência. Estudos de qualidade nenhuma se tem aqui, nem exercício louvável.

O medo de os fazer soldados e mais que tudo o trabalho das bandeiras que entram à conquista do gentio bárbaro tem feito desamparar muitas famílias neste sertão. É verdade que a entrada que se faz para domar o Gueguê que como índio de corso infestava de contínuo e com gravíssima perda as fronteiras desta Capitania, foi necessário e útil mas as mãis são destituídas daqueles requisitos, ou pelo menos se podiam evitar por outros meios mais seguros, e de inegável utilidade ao comum. Oeiras do Piauí, 15 de Junho de 1772.

O Ouvidor da Capitania Antônio José de Moraes Durão.

Relação das Pessoas, Fazendas, Sítios que há nesta Capitania de S. José do Piauí

	FOGOS	ALMAS	HOMENS	MULHERES	FAZENDAS	SÍTIOS	CORES	IDADES	FAZENDAS QUE TÊM SENHORIO FORA DA CAP.	
Cidade	1002	5700	3202	2498	182	103	Branco Mulato	Menos de 7	3330	No Reino 39
Parnagoá	329	2433	1333	1100	60	11	Mestiço Vermelho	De 7 até 14	2723	Na Bahia 50
Jeromenha	253	1531	869	662	69	46	Mamaluco Pretos	De 14 até 70	12644	Em Pernambuco 4
Valença	369	2536	1356	1180	58	46	Somam	De 70 até 90	436	No Ceará 6
Marvão	190	1326	728	598	39	50	Branca Mulata	De 90 até 100	45	No Maranhão 8
Campo Maior	447	2971	1669	1302	91	49	Mestiça Vermelha	De 100 até 120	13	
Parnaíba	444	2694	1512	1182	79	47	Mamalucas Pretas			
SOMAM	3034	19191	10669	8522	579	352	Somam	Somam	19191	Somam 107

Nº 2

Cidade de Oeiras

Até Dezembro de 1773

Relação das Pessoas, Fazendas, Sítios que há nesta Cidade de Oeiras e seu distrito

	FOGOS	ALMAS	MULHERES	HOMENS	FAZENDAS	SÍTIOS	CORES	IDADES	FAZENDAS QUE TÊM SENHORIO FORA DA CAP.
Cidade e Subúrbios	269	1252	652	600	—	64	Branços 618 Mulatos 597	Menos de 7 987	No Reino 33
Riachão	31	138	80	58	10	4	Mestiços 134 Vermelhos 344	De 7 até 14 837	Na Bahia 21
Guaribas	53	362	213	149	14	2	Mamaluços 99 Pretos 1410	De 14 até 70 3686	Em Pernambuco —
Itaim	80	414	248	166	28	1	Somam 3202		
Talhada	66	445	227	218	10	5	Branças 558 Mulatas 408	De 70 até 90 166	No Ceará —
Canindé	229	1545	893	652	54	16	Mestiças 134 Vermelhas 359	De 90 até 100 16	
Piauí	274	1544	889	655	66	11	Mamaluças 945 Pretas 94	De 100 até 120 8	No Maranhão 2
SOMAM	1002	5700	3202	2490	182	103	Somam 2498	Somam 5700	Somam 56

Vila do Parnagoá

Relação das Pessoas, Fazendas, Sítios que há nesta Vila do Parnagoá e seu distrito

	FOGOS	ALMAS	HOMENS	MULHERES	FAZENDAS	SÍTIOS	CORES	IDADES	FAZENDAS QUE TÊM SENHORIO FORA DA CAP.
Vila e Subúrbios	31	191	98	93	—	—	Branços 153 Mulatos 241	Menos de 7 433	No Reino 2
Corimatá	139	608	323	285	16	5	Mestiços 283 Vermelhos 30	De 7 até 14 165	Na Bahia 3
Gelboés	79	580	330	250	22	4	Mamalucos 59 Pretos 567	De 14 até 70 1780	Em Pernambuco —
Paraim	80	1054	582	472	22	2	Somam 1333 Branças 78 Mulatas 201 Mestiças 332 Vermelhas 49 Mamalucas 70 Pretas 370	De 70 até 90 42 De 90 até 100 10 De 100 até 120 3	No Ceará — No Maranhão —
SOMAM	329	2433	1333	1100	60	11	Somam 1100	Somam	2433 Somam 5

Nº 4

Até Dezembro de 1771

Vila de Jeromenha

Relação das Pessoas, Fazendas, Sítios que há nesta Vila de Jeromenha e seu distrito

	FOGOS	ALMAS	HOMENS	MULHERES	FAZENDAS	SÍTIOS	CORES	IDADES	FAZENDAS QUE TÊM SENHORIO FORA DA CAP.
Vila e Subúrbios	23	81	40	41	—	18	Branços 150 Mulatos 190 Mestiços 105	Menos de 7 255	No Reino 1
Gorguea do Poente	51	368	218	152	19	—	Vermelhos 27	De 7 até 14 89	Na Bahia 4
Beira da Parnaíba	64	357	202	155	15	23	Mamalucos 28 Pretos 369	De 14 até 70 1141	Em Pernambuco —
Gorguea do Nascente	115	725	409	314	35	5	Somam 869 Branças 79 Mulatas 176 Mestiças 122 Vermelhas 24 Mamalucas 34 Pretas 227	De 70 até 90 42 De 90 até 100 3 De 100 até 120 1	No Ceará — No Maranhão 1
SOMAM	253	1531	869	662	69	46	Somam 62	Somam 1531	Somam 6

Nº 5
Vila de Valença

Até Dezembro de 1774

Relação das Pessoas, Fazendas, Sítios que há nesta Vila de Valença e seu distrito

	FOGOS	ALMAS	HOMENS	MULHERES	FAZENDAS	SÍTIOS	CORES		IDADES		FORA DA CAP. FAZENDAS QUE TÊM SENHORIO
Vila e Subúrbios	67	407	198	209	4	12	Branços Mulatos	240 330	Menos de 7	508	No Reino —
Sambito	65	483	251	232	10	3	Mestiços	207	De 7 até 14	495	Na Bahia 7
Poti da Ponte	77	679	356	323	18	6	Vermelhos Mamalucos	81 109			
do Sul							Pretos	389	De 14 até 70	1431	Em Pernambuco —
Serra Negra	90	506	293	213	14	18	Somam	1356			
Berlengas	70	461	258	203	12	7	Branças	202	De 70 até 90	90	No Ceará —
							Mulatas	311			
							Mestiças	216	De 90 até 100	11	
							Vermelhas	84			
							Mamalucas	105	De 100 até 120	1	No Maranhão —
							Pretas	262			
SOMAM	269	2536	1356	1180	58	46	Somam	1180	Somam	2536	Somam 7

Nº 6

Vila de Marvão

Até Dezembro de 1774

Relação das Pessoas, Fazendas, Sítios que há nesta Vila de Marvão e seu distrito

	FOGOS	ALMAS	HOMENS	MULHERES	FAZENDAS	SÍTIOS	CORES		IDADES	FORA DA CAP. FAZENDAS QUE TÊM SENHORIO		
Vila e Subúrbios	24	93	50	43	—	13	Branços	126	Menos de 7	172	No Reino	3
							Mulatos	180				
Cais	77	586	313	273	19	15	Mestiços	114	De 7 até 14	232	Na Bahia	—
							Vermelhos	52				
Carateus	89	647	365	282	20	22	Mamalucos	79				
							Pretos	177	De 14 até 70	914	Em Pernambuco	—
							Somam	728				
							Branças	107	De 70 até 90	8	No Ceará	1
							Mulatas	143				
							Mestiças	111	De 90 até 100	—		
							Vermelhas	48			No Maranhão	—
							Mamalucas	98	De 100 até 120	—		
							Pretas	91				
SOMAM	190	1326	728	598	39	50	Somam	598	Somam	1326	Somam	4

Vila de Campo Maior

Relação das Pessoas, Fazendas, Sítios que há nesta Vila de Campo Maior e seu distrito

	FOGOS	ALMAS	HOMENS	MULHERES	FAZENDAS	SÍTIOS	CORES	IDADES	FAZENDAS QUE TÊM SENHORIO FORA DA CAP.
Vila e Subúrbios	86	363	209	154	7	—	Branços 419 Mulatos 369	Menos de 7 624	No Reino —
Longá	135	809	420	389	14	15	Mestiços 218 Vermelhos 78	De 7 até 14 520	Na Bahia 11
Beira da Parnaíba	50	422	256	166	18	4	Mamalucos 149 Pretos 436 Somam 1669	De 14 até 70 1744	Em Pernambuco —
Poti da Ponte do Norte	87	680	386	294	27	14	Branças 285	De 70 até 90 78	No Ceará 3
Serobi	89	697	398	299	25	16	Mulatas 319 Mestiças 199 Vermelhas 50 Mamalucas 156 Pretas 293	De 90 até 100 5 De 100 até 120 —	No Maranhão 2
SOMAM	447	2971	1669	1302	91	49	Somam 1302	Somam 2971	Somam 16

Vila da Parnaíba

Relação das Pessoas, Fazendas, Sítios que há nesta Vila da Parnaíba e seu distrito

	FOGOS	ALMAS	HOMENS	MULHERES	FAZENDAS	SÍTIOS	CORES		IDADES		FAZENDAS QUE TÊM SENHORIO FORA DA CAP.	
Vila e Subúrbios	78	337	210	127	—	19	Branços	179	Menos de 7	351	No Reino	—
Termo todo	366	2357	1302	1055	79	28	Mulatos	243	De 7 até 14	385	Na Bahia	4
							Mestiços	283				
							Vermelhos	154				
							Mamalucos	145	De 14 até 70	1948	Em Pernambuco	4
							Pretos	508				
							Somam	1512				
							Branças	161				
							Mulatas	192	De 90 até 100	—	No Maranhão	3
							Mestiças	215				
							Vermelhas	186				
Mamalucas	129	De 100 até 120	—									
Pretas	299											
SOMAM	444	2694	1512	1182	79	47	Somam	1182	Somam	2694	Somam	13